

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**ARTE-EDUCAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DO DESENHO PARA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

MARCILÂNIA GOMES ALCÂNTARA

CAJAZEIRAS-PB

DEZEMBRO-2010

MARCILÂNIA GOMES ALCÂNTARA

ARTE-EDUCAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DO DESENHO PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada à disciplina Estágio Supervisionado em Docência como exigência parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Ms. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS-PB

DEZEMBRO-2010



A347a Alcântara, Marcilânia Gomes.
Arte - educação: a importância do desenho para educação infantil / Marcilânia Gomes Alcântara.- Cajazeiras, 2010.
47f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Ensino infantil. 2. Desenho. 3. Ensino - aprendizagem. 4. Desenvolvimento infantil. I. Sousa, Débia Suênia da Silva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 372.3:7.05

A minha mãe Rita, mulher guerreira, companheira fiel de todas as horas, a meu pai e meus irmãos pelo carinho, ao meu noivo Pedro por estar sempre presente em minha vida, a minha grande amiga Fernanda por todos os caminhos percorridos por nós até hoje, a meu amigo João Bosco pelo incentivo e dedicação para com meu povo cigano, ao meu querido avô Cícero Cigano a quem lembro com saudades, a minha orientadora Débia Suênia pela dedicação e carinho que teve por mim, onde muitas vezes assumiu o papel de conselheira amiga e maior incentivadora deste trabalho, enfim a todos os demais que torceram por mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus presença constante em minha vida.

A orientadora MS. Débia Suênia da Silva Sousa pelo incentivo. Ela uma das maiores incentivadoras para finalização desse trabalho e para mim exemplo de educadora que um dia quero vir a ser, a sua ajuda meu profundo agradecimento.

Ao professor Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira pelas aulas irreverentes e que tiveram grande relevância para minha formação.

Aos demais professores do Curso de Pedagogia do Centro de Formação de professores pelos momentos privilegiados de aprendizagem.

As minhas amigas do Curso de Pedagogia por esses quatro anos de convivência e pela parceria. Sentirei saudades de todas e com certeza nossos momentos juntas se eternizarão.

A professora Geralda Alexandre pelo carinho e apoio durante o estágio supervisionado. A minha gratidão a esta que foi fundamental para a conclusão deste trabalho.

A professora Maria de Fátima Silva de Freitas pela revisão deste trabalho a qual foi importância fundamental para a realização concreta deste trabalho.

A minha mãe minha inspiração, melhor amiga, companheira fiel com quem sempre posso contar.

A meu pai pela confiança.

A meu noivo Pedro Bernadone Lacerda de Figueiredo pela paciência e apoio incondicional.

A minha avó que apesar da idade e pouca escolarização incentivou de todas as formas a realização deste trabalho.

“O principal objetivo da educação é criar indivíduos capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram. As estruturas operatórias da inteligência não são inatas.”

Piaget

RESUMO

O desenho é um meio de linguagem que possui códigos próprios, ou seja, o ato de desenhar oferece à criança a possibilidade de representar o objeto do jeito que sente e entende, e ao adulto oferece a possibilidade de compreender o mundo particular da criança. O estágio constituiu-se importante momento para compreensão do tema, através deste, teve-se a oportunidade de refletir sobre a expressão da criança através de seus desenhos. O objetivo desta pesquisa foi analisar o significado e concepção que estão por trás da prática do desenho na educação infantil identificando até que ponto o mesmo favorece ou limita o desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem da criança. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e fundamental "Papa Paulo VI" localizada na cidade de Sousa-Pb, tendo como sujeitos da pesquisa 5 (cinco) alunos de uma sala de pré-escolar II. A pesquisa foi desenvolvida por meio de estudo de caso, utilizando como instrumentos de coletas de dados entrevistas semi-estruturadas realizadas com professores e alunos, observação em sala de aula, bem como as fontes orais e documentais constituídas através do estágio supervisionado em docência. A análise do material mostrou a importância e necessidade do acompanhamento do processo de desenhar pelo educador, para que o mesmo possa interpretar e compreender o desenho produzido pelo educando. O estudo ainda mostrou que o desenho vem sendo trabalhado ora como distração ou nas datas comemorativas, não havendo a valorização devida dessas amostras de expressão. Portanto, com a pesquisa conclui-se que por meio do desenho o educador é capaz de notar o nível de aprendizagem da criança, tomando por base as fases por que passa o desenho, apontadas por Luquet (1969), como também enxergar que além de serem válidos na assimilação dos conteúdos no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, através do desenho pode-se identificar aspectos afetivos e emocionais presentes nestas amostras, sendo necessário ao educador proporcionar práticas que privilegiem esse exercício pelo fato do desenho fazer parte do processo de desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Desenho. Desenvolvimento. Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

The drawing is a means of language that has its own codes, ie the act of drawing gives the child the opportunity to represent the object the way you feel and understand, and the adult provides the ability to understand the private world of the child. The stage consisted important time to understand the topic, through this, had the opportunity to reflect on the words of the child through his drawings. The objective of this research was to analyze the meaning and design behind the practice of drawing in early childhood education by identifying to what extent the same favors or limits the development in the teaching and learning of children. The research was conducted at the Municipal School of Education and Child fundamental "Pope Paul VI" in the city of Sousa-Pb, and as research subjects 5 (five) students in a preschool room II.A research was conducted through case study, using as instruments of data collection for semi-structured interviews with teachers and students, observation in the classroom as well as the oral and documentary sources constituted through supervised practice in teaching. The data analysis showed the importance and necessity of monitoring the process of designing for the educator, so that it can interpret and understand the design produced by the learner. The study also showed that the design has been worked sometimes as a distraction or on holidays, not having the proper valuation of these samples, expression. Therefore, with the research concluded that by drawing the educator is able to notice the child's learning level, based on the phases through which passes the design, highlighted by Luquet (1969), but also seeing that beyond be valid in the assimilation of the contents in relation to teaching and learning through design pose to identify affective and emotional present in these samples, the educator must provide practices that privilege this year because of the design part of the development process the child.

Keywords: Design. Development. Teaching and Learning.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Criança de 4 anos- garatuja representação da água. Realismo fortuito - 2009.....	26
Figura 2 – Criança de 4 anos- garatuja representação da água.Realismo fracassado - 2009.....	26
Figura 3 - Criança de 6 anos. Representação do lar. Realismo Intelectual- 2010.....	27
Figura 4 – Criança de 10 anos, representação do lar - Realismo Visual - 2009.....	27
Figura 5_Fichas das vogais-2010.....	37
Figura 6 – Gravuras com as junções de vogais -2010.....	37
Figura 7 – Personagens da historia do número 15-2010.....	40
Figura 8 – História do número 15-2010.....	40
Figura 9 – Mural de atividades-2010.....	41
Figura 10 - Livro das lendas folclóricas-2010.....	41
Figura 11- Representação do lar –afetividade-2010.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I - METODOLOGIA DO ESTUDO.....	11
1.1- Lócus da pesquisa.....	12
1.2- Sujeitos da pesquisa.....	12
1.3- Tipo de pesquisa adotado	12
1.4-Instrumentos de coleta de dados e tipo de abordagem.....	13
CAPÍTULO II - CONTEXTUALIZANDO A ARTE-EDUCAÇÃO: O DESENHO COMO FERRAMENTA DA APRENDIZAGEM.....	16
2.1-A arte-educação entre nós.....	17
2.2 - O desenho e a criança.....	20
CAPÍTULO III - O DESENHO NO COTIDIANO ESCOLAR.....	22
3.1 - Educação infantil na visão da sociedade.....	23
3.2 - Formas em que o desenho se apresenta na sala de aula na voz dos educandos.....	23
3.3 - Os diversos momentos por que passa o desenho infantil.....	25
3.4-Relevância social do desenho e a importância dos modelos para essa construção.....	28
3.5 - A importância da valorização do desenho para a construção do conhecimento.....	29
CAPÍTULO IV - A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A COMPREENSÃO DA PERSPECTIVA DO DESENHO.....	32
4.1 - Vivências do estágio: uma prática necessária.....	33
4.2 - Etapas para o desenvolvimento do estagio.....	34

4.4 - A importância do estágio para compreensão de como o desenho se apresenta na sala de aula.....	38
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

O desenho propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, no qual a criança dá sentido as suas experiências. É por meio do ato de desenhar que a criança amplia sua percepção, coordenação motora, reflexão e imaginação. Foi diante desta concepção e compartilhando da idéia de autores como Brent e Marjorie Wilson (2005), Duarte Jr.(1991), Roseli Fontana (1997), e outros autores, que fizera-me compreender um pouco do mundo infantil, despertar a paixão por esse universo, esse pequeno mundo particular que a criança traz consigo. Sob esse prisma e que o tema “Arte-Educação: a importância do desenho para a educação infantil” se apresenta.

O trabalho parte do objetivo de analisar o significado e concepção que estão por traz da prática do desenho na educação infantil, bem como observar quais os diversos momentos porque passa o desenho das crianças, e ainda de identificar até que ponto a prática do desenho favorece ou limita o desenvolvimento da criança.

Como dito anteriormente o desenho propicia o desenvolvimento e aquisição de habilidades cognitivas e motoras pela criança, embora pareça sem significado, é rico e importante no que diz respeito ao seu desenvolvimento social e intelectual. É o que defende autores como Piaget. Desta maneira, é importante que os educadores estejam cientes destas concepções e reconheçam a importância do estudo deste tema.

A grande verdade é que a visão estereotipada que alguns educadores têm sobre o desenho infantil, acontece pela fragilidade de sua formação e pela a quantidade de livros, editados sobre o assunto, ou seja, o tema ainda é muito pouco explorado tanto pelos educadores como também pelos grandes estudiosos, que leva as visões pré-concebidas sobre o tema. Dessa maneira os educadores utilizam-no, apenas como ocupação, ou melhor, recreação, atividades estas que não possuem um fim educativo. Outros educadores ainda oferecem somente desenhos prontos, apenas como mecanismos de reprodução, por meio do quais os educandos imitam o professor. Agindo desta maneira, essa prática faz com que a criança limite sua criatividade, coordenação e não construa seu próprio conhecimento a partir de suas experiências, as quais são expressas através de suas criações.

Mediante a tudo que vem sendo abordado, o desenho infantil necessita da formulação de uma nova concepção, a partir de novos parâmetros, o intuito desta pesquisa foi identificar

quais seriam os significados destas atividades para os educandos. Desta forma, pensar o desenho oferecendo liberdade para que as crianças se expressem naturalmente e assim construam suas percepções e entendimentos, o que não significa dizer que trabalhar com desenhos prontos também não tenha proveito, uma vez que estes desenhos sejam trabalhados de forma contextualizada, procurando e pesquisando o que a criança quer dizer através desta prática.

Portanto o tema abordado se dividirá em capítulos, trazendo como primeiro capítulo: *Metodologia do estudo* que traz como tópicos: os lócus e sujeitos da pesquisa, os instrumentos e tipo de pesquisa utilizados na coleta de dados, estes foram utilizados para nortear a construção do trabalho. Abordando como etapas para seu desenvolvimento, a caracterização da escola a ser aplicada a pesquisa, as entrevistas realizadas a fim de conhecer as concepções que professores e alunos têm a cerca do desenho e como o mesmo vem sendo trabalhado na escola, a aula teste que servira de base para a construção dos planos de aula utilizados no estágio como também o próprio estágio.

Em seguida o segundo capítulo trará como título: *Contextualizando a Arte-educação: O desenho como ferramenta da aprendizagem*, o mesmo faz uma abordagem geral sobre a história da arte no Brasil enfatizando a importância do desenho para a criança e algumas pesquisas que vem sendo desenvolvidas sobre este tema.

O terceiro capítulo intitulado *O desenho no cotidiano escolar* faz uma abordagem do que os educandos têm a dizer sobre a prática do desenho na sala de aula, as diversas etapas por que passa o desenho infantil, a relevância social do mesmo e a importância da valorização dessas amostras de imagens.

O quarto e último capítulo destaca *A importância de estágio para a construção da identidade profissional e sua contribuição para a compreensão da perspectiva do desenho*. Este capítulo trás as experiências vivenciadas na sala de aula no momento do estágio, a importância deste para a construção da identidade profissional, as etapas que nos levaram até o estágio supervisionado e como está experiência foi importante para o estudo do tema em questão.

O trabalho ainda contará com as conclusões levantadas por meio das pesquisas e experiências vividas desde o início, quando da escolha do tema.

CAPÍTULO I

1. METODOLOGIA DO ESTUDO

Neste capítulo abordamos todo percurso metodológico utilizado no desenvolvimento da pesquisa. Assim será explicitado o Lócus da pesquisa, os sujeitos da pesquisa, o tipo de pesquisa utilizado, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, que neste caso foram à observação e entrevista, visto que estes foram escolhidos pelo seu caráter qualitativo.

O capítulo, ainda, trará uma breve descrição de como se deu o momento da observação e entrevista.

Deste modo, o percurso metodológico abordará o caminho trilhado durante o desenvolvimento de todo o estudo.

1.1 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental “Papa Paulo VI”, localizada na cidade de Sousa-Pb. A mesma possui um espaço amplo e arejado, à qual conta um quadro composto por 99 funcionários dos quais 62 são professores, sendo 1 diretor e 1 vice-diretor.

O espaço físico é composto por 16 salas para aula, onde nos três turnos (manhã, tarde e noite) funcionam 36 salas de aula, o espaço ainda conta sala de diretoria, sala de professores, laboratório de ciências e informática, auditório, quadra de esportes, cozinha, 5 banheiros sendo 2 femininos e 2 masculinos para o uso dos alunos e 1 para uso exclusivo para os demais funcionários, a estrutura física ainda conta com sala para secretaria e sala de leitura que funciona como sala de vídeo e biblioteca.

1.2 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida com alunos da sala do pré-escolar III composta por 25 (vinte e cinco) alunos, sendo a entrevista aplicada a 20% desse total, o que equivale a uma soma de 5 (cinco) alunos, 3 (três) do sexo feminino e sendo 2 (dois) do sexo masculino .

1.3 Tipo de pesquisa adotado

O tipo de pesquisa utilizada foi o estudo de caso que é uma metodologia investigativa e descritiva, apropriada para esta pesquisa, na qual procuro compreender, explorar e descrever os fatores envolvidos no estudo do objeto.

No que diz respeito ao estudo de caso, Roese citado por Matos e Vieira afirma:

Utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos. Diferencia-se dos estudos quantitativos por que esses últimos buscam obter informações padronizadas sobre muitos casos. (2002, p.46).

Portanto, a presente pesquisa foi realizada através de estudo de caso por oferecer, caráter de profundidade e detalhamento, partindo do material que já existe sobre o tema escolhido, com intuito de dar mais embasamento bibliográfico à pesquisa.

1.4 Instrumentos de coleta de dados e tipo de abordagem

Falando dos instrumentos utilizados para coleta de amostras, utilizamos a entrevista semi-estruturada e a observação em sala de aula, estes dois instrumentos são de caráter qualitativo, onde por meio de ambos, buscamos entender e analisar o objeto de estudo. Ao invés de estatísticas e regras, a pesquisa qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações. Nesse sentido, utilizar a observação e a entrevista como instrumento de coleta de dados, justifica-se pela entrevista semi-estruturada ser de acordo com (Gil apud Matos e Vieira 2002) “uma entrevista mais aberta que a estruturada, e que possibilita maior flexibilidade nas respostas e a obtenção de falas que podem enriquecer ainda mais a temática abordada.” (p.63).

E ainda no que diz respeito à observação Gil, afirma que:

A observação é uma técnica muito utilizada, principalmente por que pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. Para ser considerada eficaz para a pesquisa científica, temos de observar, compreender o que é essencial e fazer o registro. (apud MATOS; VIEIRA, 2002, p.58).

Portanto, a escolha destes dois instrumentos de coleta de dados deu-se para dar embasamento aos estudos sobre o tema. O estudo de caso na perspectiva qualitativa é mais de caráter participativo e menos controlável, o que vai de encontro com os objetivos de estudo,

no qual são os participantes da pesquisa, por meio da interação com o pesquisador que darão rumo aos estudos, e posteriormente à sua compreensão.

No que diz respeito o momento da observação e aplicação da entrevista, a última precisou ser realizada duas vezes visto que no primeiro dia, houve a indução nas respostas dos educandos, mesmo que de maneira inconsciente, sendo necessária se fazer uma nova entrevista.

Além dessas duas entrevistas citadas anteriormente, foi necessário ir uma terceira vez a escola, fazer uma nova entrevista. Esta foi feita com o objetivo de caracterizar a escola mencionada neste trabalho, como também caracterizar as dificuldades encontradas por professores e educandos na sala de aula, com intuito de preparar o plano de ação para a aula teste, aula esta que servira de base para o planejamento e execução dos planos de aula que foram desenvolvidos no estágio.

Contudo, notei grande ansiedade dos educandos em participarem da entrevista, não havendo nenhum tipo de resistência por parte dos mesmos, como também da professora.

Utilizamos ainda como instrumentos de coleta de dados às fontes orais, como mais um meio de compreender o tema em destaque, estas foram adquiridas por meio da apresentação das vivências das discentes do 8º período do curso de pedagogia no estágio, que foi um momento privilegiado onde todas as discentes expuseram de maneira geral as dificuldades, êxitos e demais experiências sentidas através do mesmo. O que afirma a citação a seguir:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria por tabela, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou coletividade a qual a pessoa sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que no fim das contas é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLACK, 1992, p. 201).

Este momento foi de grande valia para a compreensão da realidade escolar, como também varias das discentes estagiarias forneceram através de seus relatos importantes contribuições para a compreensão do tema por mim estudado.

O estágio supervisionado nos proporcionou uma rica experiência, uma vez que por meio do mesmo construímos além dos planos de aulas executados durante este período os diários de campo, que nos serviram de fontes documentais importantes para a análise do mesmo. É o que afirma a citação de Cunha:

o professor constrói sua performance a partir de inúmeras referências. Entre elas estão sua história familiar, sua trajetória escolar e acadêmica, sua convivência como ambiente de trabalho, sua inserção cultural no tempo e no espaço. Provocar que ele organize narrativas dessa referência é fazê-lo viver um processo profundamente pedagógico, onde sua condição existencial é o ponto de partida para a construção de seu desempenho na vida e na profissão [...]. (1998, p. 41).

Portanto, as fontes orais, documentais e demais procedimentos adotados neste trabalho, foram de extrema relevância tanto para o desenvolvimento da pesquisa como para compreensão á cerca do tema estudado. Constituindo desta forma fator primordial na construção de minha identidade docente.

CAPÍTULO II

2. CONTEXTUALIZANDO A ARTE-EDUCAÇÃO: O DESENHO COMO FERRAMENTA DA APRENDIZAGEM

Este capítulo traz uma breve discussão a respeito da história da arte-educação junto à humanidade. Faz uma breve abordagem enfatizando a promulgação da Lei que torna obrigatório o ensino de artes na escola, como também como a arte é vista na sociedade atual.

O capítulo, ainda, aborda a importância que a criança dá ao desenho produzido por ela mesma, e o que esse desenho significa para esta, tomando por base as pesquisas desenvolvidas por alguns autores como Brent e Marjorie Wilson (2005), Duarte Jr.(1991) a partir do século XX.

2.1A arte-educação entre nós

Desde os primórdios da humanidade a arte sempre esteve presente em nossa história. A arte do homem pré-histórico foi tudo o que nos restou de herança de nossos antepassados. Pois mesmo que de maneira inconsciente produziam artes, ora pintando seu corpo em suas manifestações religiosas ou por meio dos desenhos deixados pelos mesmos em cavernas, como algumas descobertas e estudos nos mostram, enfatizando que:

Desde o início da humanidade a arte sempre esteve presente em todas as formulações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender de algum modo seu ofício. E da mesma maneira ensinou para alguém da mesma maneira. (BRASIL, 2001, p.21)

Diante a afirmação, torna-se de extrema relevância a descoberta desses desenhos, visto que, foram por meio dos mesmos, que as civilizações posteriores puderam tomar conhecimento daquelas tribos primitivas, como também a partir da descoberta das mesmas deu-se início aos estudos mais aprofundados destas civilizações, contribuindo para compreensão do desenvolvimento da humanidade.

Desta forma, aquela prática de desenhar contribui para os estudos de arte, como também para entendermos o significado daqueles registros históricos para aquela cultura e ainda para a construção da nossa história.

Ainda, falando da prática de desenhar e o que esta imaginação primitiva proporcionou as gerações posteriores, a famosa estudiosa americana Susanne Langer afirma que:

Essa imaginação primitiva essa produção de imagens mentais foi o primeiro passo na criação não só da arte, mais também da linguagem. Isto é compreensível na medida em que se percebe que ao invocar imagens mentais daquilo que havia visto, o homem das cavernas estava de certa forma representando-os. (apud DUARTE JR. 1991, p.38)

Desta forma, quando o homem primitivo as representava, aquela manifestação artística de alguma forma tomava importância na construção da comunicação, pois, à medida que o faziam, aquela

se tornava um meio de comunicar-se, visto que como sabemos a linguagem oral só veio surgir após muito tempo. A verdade é que por meio dos desenhos que um interagiu de alguma forma com o outro, de modo que se tornava possível conviver em comunidade. Assim, nos certificamos que toda e qualquer cultura produz arte, seja em qualquer forma, ela nos acompanha desde o início da humanidade.

Falando da arte-educação na sociedade atual, é importante ressaltar que o nosso projeto educacional brasileiro, sempre esteve ligado à educação de outras culturas, no qual as experiências e condições específicas de nosso povo não são valorizadas, fazendo-nos assim conceber projetos educacionais que quase sempre atendem as minorias que detém maior poder aquisitivo. Deixando claro também que à medida que adotamos modelos de outras culturas, ao serem implantados geram contradições, em vista que sofrem distorções, por se tratarem de culturas e condições diferentes.

Desta forma o PCN de Arte propõe que:

Ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem significa então não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte, e do mesmo tempo, garantir, ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias. (BRASIL, 2001, p. 47).

É desta forma que para a grande maioria da população, a arte é um “artigo de luxo”, destinado as hegemonias dominantes. O que não deixa de ter um fundo de verdade, tendo em vista que nas escolas a arte quase nunca é vista com suas características, tendo-se sempre que transformar em outras formas disfarçadas. Pois com o capitalismo, a escola, ou melhor, o sistema educacional adquire suas características, ao promover o ensino como mera produção de mão-de-obra, em que o interessante para esse modelo de economia é o arrecadamento de capital, deixando de lado o fim humanístico da educação, que é formar para a vida.

Mediante as afirmações Duarte Jr (1991) diz, que essa descaracterização da arte deu-se por que “historicamente sempre tivemos aqui a educação do colonizador, isto é, aquela que despreza as condições específicas da terra e procura impor a visão de mundo que interessa as minorias dominantes”. (p. 79).

O ensino de artes só passa a tornar-se mais relevante após a promulgação da lei 5.692/71, a mesma veio com a proposta de modernizar a educação. O ensino de arte passa a ser obrigatório no Brasil neste ano, através da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. Porém infelizmente faltavam-nos professores qualificados para ministrarem as aulas de artes, tendo em vista que não existiam cursos de formação na área.

Diante a promulgação da Lei, faz-se necessário atender novas demandas, então no ano de 1973 o governo cria o curso de graduação em Educação Artística; um curso de licenciatura de curta duração que permitia aos graduados a lecionarem a nova disciplina .

Muito embora o ensino de artes tenha se tornado obrigatório, os cursos não ofereciam suporte necessário para que as aulas fluíssem e ainda mesmo com os cursos de formação para o arte-educador, não eram os mesmos que rumavam para lecionar nas salas de aula, mais sim aqueles que tinham algum interesse em particular a dar o Estado, ou seja, as chamadas “indicações”. Ocorria a contradição o próprio Estado que criara a Lei era quem mais infringia, atendendo aos interesses políticos próprios. Fazendo assim com que as aulas de arte se limitassem a meras distrações, ou ainda suporte para as aulas de reforço de outras disciplinas. Visto que para o ensino tecnicista estas eram tidas como mais importantes, dessa maneira a obrigatoriedade do ensino de artes ficava só no papel.

Outra questão a ser suscitada é que mesmo no interior da própria escola, o ensino é visto ainda de maneira formal e burocrática, a arte não ganha muito espaço no contexto educacional, tendo em vista que o ensino prioriza as disciplinas ditas mais importantes, como o Português, Matemática, etc. É o que afirma Duarte Jr. (1991), ao dizer que:

A arte continua a ser encarada, no interior da própria escola, como um mero lazer, uma distração entre as atividades ‘úteis’ das demais disciplinas. O próprio professor de arte é visto como pau pra toda obra, com um quebra galho (p. 81).

Dessa forma, a arte-educação necessita de uma nova visão, seguindo novos pressupostos, pois como vemos ainda nos dias atuais continua sendo trabalhada ora como mera distração, ou oferecendo receitas prontas, que trazem em seu íntimo a idéia de que os educandos são incapazes de criar, fazendo dos mesmos meros reprodutores, onde sua missão é dar continuidade a transmissão dos valores e sentidos válidos diante a sociedade. Pois quando o modelo é trabalhado de maneira desfragmentada, a mensagem que fica é de frustração onde o educador mal formado impõe a criança a aceitar como arte os valores e conceitos de adultos, fazendo-as crer que suas vivencias, experiências e criações não têm nenhum significado, à medida que não atenda aos critérios esperados pelos conceitos formulados por adultos.

A este respeito Duarte Jr. comenta:

Não mais precisamos de formulas e receitas educacionais – precisamos sim é de um comprometimento humano, pessoal, valorativo, com a educação e a nação. Precisamos de uma real arte-educação, e não uma “arte-culinária”. Uma arte - culinária cuja receita principal é cozinhar em fogo brando os corações e as mentes das novas gerações, para servimos no grande banquete do desenvolvimento industrialista (1991 p. 86-87).

Portanto, cabe a nós educadores pensarmos não só no ensino da arte, mas sim no que diz respeito ao ensino em geral, como inovação onde por meio da contextualização dos modelos existentes e oferecendo a liberdades para livre expressão, tanto por parte dos alunos quanto dos professores, não sermos neutros nos limitando apenas a copiar, mas sim dar a educação um caráter emancipador, pois temos que concebê-la e percebê-la como meio de formação das futuras gerações, e assim formar para a vida um cidadão consciente, crítico e autônomo.

2.2 O desenho e a criança

Pesquisas desenvolvidas à partir do início do século XX em vários campos das ciências humanas, trouxeram dados relevantes a respeito do desenvolvimento da criança, sobre o processo de criação. Surgiram assim alguns autores que formularam princípios inovadores no que diz respeito ao ensino de artes e mais precisamente do desenho. Tais princípios veem no desenho da criança um processo de manifestação espontânea e auto-expressiva, que possui extrema importância no desenvolvimento psicomotor, intelectual e social da criança.

A criança já nasce em um ambiente onde o desenho está presente em seu cotidiano, seja através das imagens de televisão, dos rótulos de produtos, cartazes, revistas, etc.

Esse fato a acompanha até o ingresso na escola, visto que a prática do desenho é mais utilizada na educação infantil. Essa atividade intensa que envolve as crianças é vista por alguns autores como meio de expressão da criança, momento importante de criação onde a mesma por meio dos desenhos desenvolve sua primeira escrita vale ressaltar que por meio dos mesmos, a criança aprende também a função social da escrita uma vez que sua comunicação pode ser compreendida antes que ela aprenda a escrita convencional.

Alguns autores ainda defendem que o desenho pode ser usado para medir o grau de desenvolvimento intelectual da criança. É o que diz autores como Brent e Marjorie Wilson (2005):

Numerosas teorias têm tentado explicar o processo e a natureza do desenho. Duas das mais influentes, a de Dade Harris (1963) e a Rudolf Arnheim (1974) sustentam que os desenhos representações da realidade. Harris vê o comportamento demonstrado no desenho como espelho do desenvolvimento cognitivo ou da maturidade intelectual (p. 61).

Dessa forma, vê-se a relevância do desenho no processo de ensino-aprendizagem, visto que o mesmo mostra-se como instrumento favorável a este processo, uma vez que haja valorização da amostra e também a mesma seja trabalhada de maneira adequada. Visto que a princípio a criança não se preocupa com a representação da realidade, ou seja, ainda não entende o que aquele objeto significa, mais sim o caracteriza de acordo com o que conhece do objeto.

A criança não se preocupa com representação da realidade, com a reprodução daquilo que vê. Ao contrário, ela tenta, por meio do desenho, identificar, designar, indicar aspectos determinados dos objetos. Ou seja, a criança não começa desenhando o que vê, mais sim o que sabe sobre os objetos (VYGOTSKY apud FONTANA; CRUZ, 1997, p. 147).

Isso ocorre com os primeiros desenhos infantis, o que nos mostra algum grau de abstração, uma vez que temos no desenho de uma criança a tentativa de conceitualização do objeto, assim como ocorre na linguagem verbal. Assim a criança passa a desenhar o objeto do jeito que sente, da maneira que faz sentido para ela. Portanto, é possível afirmar que a criança avançou no seu desenvolvimento no que diz respeito ao conhecimento adquirido.

Nesse sentido, percebe-se a importância do ver o desenho com outro olhar, que vai além das visões tradicionais, de tê-lo apenas como atividade de ornamentação e recreação, o desenho faz parte do processo de desenvolvimento da criança, por meio do qual propicia muito mais do que a satisfação e prazer de desenhar, como também auxilia seu desenvolvimento cognitivo e motor. Dessa maneira, o desenho torna-se o meio pelo qual a criança atua efetivamente com o mundo: opina, critica, sugere.

CAPITULO III

3. O DESENHO NO COTIDIANO ESCOLAR

Este capítulo traz uma abordagem da visão da sociedade sobre a educação infantil, formas em que o desenho se apresenta na sala de aula na voz dos educandos, os diversos momentos por que passa o desenho infantil, relevância social do desenho e importância dos modelos para essa construção e ainda a importância da valorização dos desenhos para construção do conhecimento.

3.1 Educação infantil na visão da sociedade

A educação infantil como pode-se notar na maioria das instituições de ensino, está sempre em 2º(segundo) plano, não tendo um reconhecimento válido para esta etapa da construção do conhecimento.

Esta visão errônea sobre a educação infantil vem desde a antiguidade, onde o modo de lidar com as crianças baseia-se em alguns costumes que herdamos dessa época.

Alguns anos atrás, a esta etapa da educação era dada a função apenas do cuidar, deixando-se de lado o educar. Ainda, nos dias atuais vemos que não tivemos ainda grandes avanços neste sentido, visto que os professores destinados para ocupação destas salas, quase sempre são profissionais com vários anos de atuação que se encontram próximos a aposentadoria ou sobrou esta determinada sala e o professor que não preencheu sua carga horária é, obrigado a ficar responsável pela mesma, ocorrendo casos em que têm formação específica em outra área.

É interessante reconhecer nesta fase a importância do planejamento e formação profissional da mesma, visto que é justamente nesta fase que formamos ou deformamos o educando. Desta forma, o professor deve estar atento as atividades desenvolvidas na sala, em especial o desenho que se faz muito presente nesta etapa da educação.

3.2 Formas em que o desenho se apresenta na sala de aula na voz dos educandos

Dialogando com crianças do pré-escolar, quando se trata da importância do desenhar e pintar, todos afirmam gostar destas atividades. A exemplo, um posicionamento dos educandos: “gosto. Porque eu gosto de desenhar. Me sinto feliz né? porque é bom” (Aluna A, sexo feminino, entrevista 21/10/2009).

Notamos através dessa fala o prazer que o educando sente quando desenha ou pinta, pois como afirma Duarte Jr: (1991) “A experiência que a arte nos proporciona é, sem dúvida,

prazerosa. É tal prazer provem da vivência da harmonia descoberta entre as formas dinâmicas de nossos sentimentos e as formas do objeto estético” (p.60). Ou seja, o educando encontra no desenho o prazer de comunicar-se, visto que nesta fase a linguagem e escrita não estão totalmente desenvolvidas.

Como vemos, o desenho vem sendo utilizado apenas nas datas comemorativas, recreação e exercícios para coordenação motora. Nesse sentido, a prática do desenho na sala de aula em destaque acontece através de atividades prontas, ou seja, o desenho já vem pronto, os alunos apenas colorem ou cobrem. Este fato pode ser comprovado quando os educandos afirmam que os desenhos que a professora trabalha com eles: “traz boneca, traz papai Noel, traz essas coisas” (Aluna A, sexo feminino, entrevista 21/10/2009); “ela traz abacaxi, índios, só isso. Maça, ela traz pra pintar... É dominó pra nos pintar [...]” (Aluno C, sexo masculino, entrevista 21/10/2009).

Diante, as falas acima citadas, evidencia-se que o desenho ora é trabalhado como exercício da coordenação motora, ora como atividade das datas comemorativas.

Essa visão que alguns profissionais da educação infantil e professores de artes têm quando se trata de arte, em especial do desenho, dar-se por que:

Os professores de Educação Artística, capacitados inicialmente em cursos de curta duração, tinham como única alternativa seguir documentos oficiais (guias curriculares) e livros didáticos em geral, que não explicitavam fundamentos, orientações teórico-metodológicas e mesmo bibliografias específicas. (BRASIL, 2001, p. 29).

Ainda, a respeito do desenho ser trabalhado como exercício de coordenação e datas comemorativas, Duarte Jr (1991) afirma:

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Expor uma aprendizagem artística que inclua tais tipos de atividades é pior do que não dar aprendizagem alguma. São atividades pré-selecionadas que obrigam as crianças a um comportamento imitativo e inibem sua própria expressão criadora; esses trabalhos não estimulam o desenvolvimento emocional, visto que qualquer variação produzida pela criança só pode ser um equívoco; não incentivam as aptidões, porquanto estas se desenvolvem a partir da expressão pessoal. Pelo contrário, apenas servem para condicionar a criança, levando-a a aceitar, como arte, os conceitos adultos, uma arte que e

incapaz de produzir sozinha e que, portanto, frustra seus próprios impulsos criadores. (p.83).

Dessa maneira, esta visão pré-concebida do desenho vem de muito antes, isso dá-se pelo déficit de produções teóricas sobre o tema e ainda a má formação nos cursos iniciais. Não que seja errado trabalhar estes tipos de atividades, o que deve haver é um equilíbrio entre as atividades prontas e as de livre de expressão, no qual o professor possa proporcionar aos educandos o exercício da imaginação e criatividade, para que os mesmos possam se expressar e manifestar suas percepções e visões de mundo através dos desenhos, lembrando que todas estas atividades devem ser contextualizadas, para que educados possam fixar esses conhecimentos.

3.3 Os diversos momentos por que passa o desenho infantil

Quando dialogamos com educandos da educação infantil, vemos que nos mesmos prevalecem gostos parecidos, quando se trata de temas escolhidos para desenhar ou pintar. Nos meninos prevalecem os desenhos como animais, bonecos, carros e casas e nas meninas prevalecem os desenhos como bonecas, casas, estrelas, o que mostra que nesta fase não existe muita variação entre os sexos, já que todos possuem a mesma idade. O que fica claro quando estes afirmam: “eu gosto de desenhar cobra, elefante, o que mais, abacaxi, carro”. (Aluno C, sexo masculino, entrevista 21/10/2009); “É boneca, princesa, casinha, estrela” (Aluna D, sexo feminino, entrevista 21/10/2009).

Nesse sentido, aportam-se as pesquisas desenvolvidas no Comitê de Estudos da Criança nos Estados Unidos, sobre os principais assuntos desenhados por grande parte das crianças, no que se concluiu: “nos desenhos infantis predominam os temas relativos à vida social (casas, veículos, objetos, etc.)” (BARROS, 1988, p. 175).

Também estão presentes nos quatro estágios definidos por Luquet (1969): o primeiro realismo fortuito, ou seja, a fase das garatujas, que começa por volta dos 2 anos, onde a criança descobre semelhança entre o traço no papel e um objetivo; o segundo realismo fracassado, também chamada de fase esquemática caracteriza-se pelas primeiras tentativas da

criança reproduzir algumas formas; o terceiro realismo intelectual, também chamado de realismo lógico, esta fase começa aos 4 anos e pode estender-se até os 10 ou 12 anos, coincide com o período em que a criança entra na escola, está é fase em que a criança sente grande prazer em desenhar e mostrar os seus desenhos, nesta fase aparece características do plano deitado e transparência; por último o realismo visual caracteriza-se pelo aparecimento da perspectiva; a criança ou adolescente representa o que vê, a capacidade crítica já está bem desenvolvida pois seu nível mental se eleva acompanhando o aumento da idade.

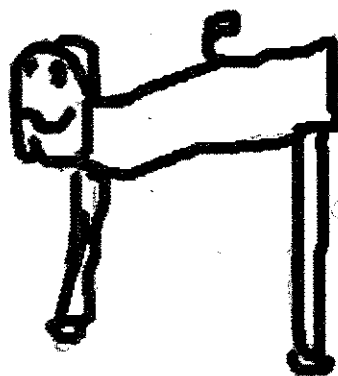
Os desenhos a seguir trazem características das fases mencionadas acima.

Figura 1:



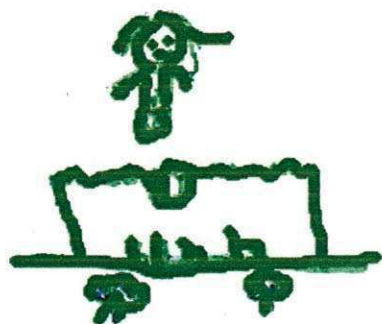
Criança de 4 anos- garatuja representação da água.(Aluno E, entrevista 21/10/09)
Realismo fortuito

Figura 2:



Criança de 5 anos-representação de um cavalo-(Aluno B, sexo masculino, entrevista 21/10/09)
Realismo fracassado

Figura 3:



Criança de 6 anos, representação do lar (aluna D, sexo feminino, estágio, 12/09/10). Realismo Intelectual

Figura 4:



Criança de 10 anos, representação do lar. Amostra coletada com aluna de outra turma. (21/09/2009). Realismo Visual

Fica evidente que o desenho passa por diversos momentos, que variam de acordo com a idade e de como esta sendo trabalhado pelos professores. A criança pode ou não atingir os estágios dependerá muito de como o tema está sendo desenvolvido. O que pode ser comprovado na fala a seguir quando a educanda expressa, o porquê gosta de desenhar, ao dizer “desenhar é bom porque quando eu crescer, é mais bom porque eu vou ser uma desenharista ou bordadeira” (Aluna D, sexo feminino, entrevista 21/10/2009).

Aprofundando-se nesta perspectiva podemos notar um maior grau de abstração e maturidade nesta criança, pois além de sentir prazer em desenhar, faz relação entre o desenho e estas duas profissões, também expressam que o desenho é importante para o desenvolvimento da mesma. Seu grau de maturidade está mais desenvolvido que a dos outros educandos, visto que os demais que se encontram no mesmo ao e idade, apenas relataram sentir-se bem em desenhar ou pintar, o que enfatiza ainda mais a elevação do nível mental da criança D.

3.4 Relevância social do desenho e a importância dos modelos para essa construção

Quando se trata sobre o que aprendem quando desenhavam, alguns educandos dizem aprender “letras e o deve...é palavras” (Aluno E, sexo masculino, entrevista 21/10/2009). Isso dar-se pela visão que alguns profissionais e pais têm sobre o que precisa ser trabalhado na educação infantil, onde os mesmos acreditam que desde esta etapa a função da escola é ensinar a ler e escrever, deixando de lado muitas vezes a construção de valores e não levam em conta que esta é a fase da meninice, na qual as crianças sentem grande prazer em brincar, não se deve tratá-los como miniaturas de adultos, querendo exigir dos educandos tarefas mais difíceis, que serão melhores trabalhadas nas fases adiante. É o que diz Oliveira (2002) a seguir:

Em algumas culturas afirmam-se que as crianças pequenas devem ocupar-se apenas do jogo livre infantil. Em outras, desde muito cedo a criança é incitada pela família a auxiliar pelo menos em tarefas domésticas, não sendo raro que algumas desempenhem tarefas de trabalho produtivo ou peçam esmolas nas ruas da cidade. Há também culturas em que, precocemente, elas são postas para executar tarefas que reproduzem atividades de níveis mais adiantados. (p.123).

É importante dar ao educando o direito de ser criança, visto que não é função da pré-escola ensinar a ler e escrever restritamente falando, o pré-escolar é a fase de adaptação, aonde a criança tem seu primeiro contato com o universo escolar, e começa também a construir valores. Pode-se até trabalhar a introdução das letras, desde que sejam trabalhadas de maneira criativa e lúdica, sempre de forma esquematizada de preferência por meio de brincadeiras.

Falando dessas primeiras interações da criança quando ingressa na educação infantil, vemos a relevância do outro, ou seja, dos modelos, na construção social da mesma. Quando a criança nasce, encontram em seu universo social, diversos símbolos e a partir destes interiorizados em sua mente busca a criação de novos, pois quando observamos as crianças desenhando, vemos que uma participa do desenho da outra, dando palpites como “faz a caixa d’água em cima, pinta o olho do boneco, cadê a boca? Você já fez a casinha agora faz a

caixa”, auxiliando à outra no que a mesma não sabe, e assim sendo participe na construção e reconstrução do conhecimento. Como mostra Oliveira (2002):

Os signos não são criados ou descobertos pelo sujeito, mais o sujeito deles se apropria desde o nascimento, na sua relação com parceiros mais experientes que emprestam significações e suas ações em tarefas realizadas em conjuntos. (128).

Assim os modelos têm relevância no processo de ensino-aprendizagem, é nessa interação que os educandos socializam o conhecimento adquirido, como também conhece os conceitos sociais do meio em que vivem. É o que afirmam os autores Brent e Marjorie Wilson (2005):

Toda criança faz rabiscos da mesma forma que balbucia. Tanto os rabiscos quanto o balbucio desenvolvem-se muito pouco, a menos que existam modelos para serem seguidos. Por exemplo, trabalhando com um grupo de imigrantes judeus idosos que, até onde podiam se lembrar, não haviam desenhado desde a infância, descobrimos que, quando se pedia a eles para desenhar e pintar, a maioria produzia figuras do estágio de criança muito pequena, com braços e pernas emergindo da cabeça. (p.63).

Como já mencionado é interessante proporcionar a criança esse contato, lembrando que devem ser descartadas as comparações e taxações, tais como “este é mais bonito”, ou ainda “olha o desenho de fulano”, isso inibe o processo de criação do educando.

3.5 A importância da valorização do desenho para construção do conhecimento

Conversando com educandos da educação infantil sobre o destino que os professores dão as atividades produzidas por eles e, ainda, quando se trabalha com o desenho livre, se os professores questionam o que estão desenhando ou pintando, todos os educandos relataram sentir-se felizes com o questionamento. No entanto, nem sempre estas atividades são

expostas, ficando os professores ao exercício restrito de corrigir e guardar estas atividades “ela corrige e da pra nós guardar” (Aluno B, sexo feminino, entrevista 21/10/2009); “ela guarda e da pra nós levar pra casa” (Aluno C, sexo masculino, entrevista 21/10/2009).

Ainda falando de quando a professora expõe as atividades produzidas pelos educandos, vemos que estas só são expostas quando são relacionadas as datas comemorativas, não havendo freqüência nesta ação, como mostra o diálogo a seguir “dia das mães, índio essas coisas, quando nós tamo fazendo trabalho” (Aluna A, sexo feminino, entrevista 21/10/2009).

Os educandos mostram-se satisfeitos quando ocorre esta ação de exposição dos trabalhos, dizendo sentirem-se felizes quando seus trabalhos são expostos: “queria que colocasse na parede, [...] pra botar porque eu gosto de botar as tarefas na parede porque eu acho bonito” (Aluno C, sexo masculino, entrevista 21/10/2009).

A este respeito Piaget citado por Fontana e Cruz afirma “a valorização do trabalho da criança é o estímulo realimentador do processo cognitivo. É preciso expor o que a criança produziu, é necessário valorizá-lo”. (1997 p.146). Isso porque, quando a criança é valorizada, sente prazer em aprender. Se este progresso e atividade não forem valorizados a criança pode se retrair, sentir-se incapaz e inferiorizada.

O desenho precisa e deve sempre ser valorizado pelos educadores e essa importância e valorização precisa ser também compartilhada e compreendida pelos pais, uma vez que toda aprendizagem tem seu valor e o desenho é uma das formas de aprendizagens. Não é por menos que vários psicólogos e psicanalistas utilizam em testes psicológicos para fazer sondagens profundas na mente de crianças e adultos, visto que por meio do desenho a criança revela seu grau de abstração sobre determinados objetos. Assim o desenho também pode ser utilizado como método avaliativo, para provar em que grau de aprendizagem o educando se encontra, pois de acordo com Vygotsky citado por Fontana e Cruz (1997):

A criança não se preocupa com a representação da realidade, com a reprodução daquilo que vê. Ao contrário ela tenta, por meio do desenho, identificar aspectos determinados dos objetos. Ou seja, a criança não começa desenhando o que vê, mais sim o que sabem sobre os objetos. (p.147).

Portanto, fica mais que evidente a importância de se trabalhar o desenho na educação infantil. Tendo por base todos os preceitos discutidos ao longo do texto o professor pode desenvolver uma prática favorável a aprendizagem e chegar ao verdadeiro fim da educação que é a construção do conhecimento.

CAPITULO IV

4. A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A COMPREENSÃO DA PERSPECTIVA DO DESENHO.

Este capítulo trará as vivências do estágio, enfatizando a importância desta experiência para os futuros profissionais docentes. Fará uma abordagem de como o desenho se apresenta na sala de aula, buscando responder as questões que suscitaram o estudo do tema.

O capítulo ainda trará as conclusões levantadas a partir desta experiência, mostrando as teorias utilizadas para o planejamento e execução das aulas do estágio.

4.1 Vivências do estágio: uma prática necessária

O estágio é elemento fundamental na formação do educador, pois é a partir da experiência vivida por meio do mesmo, que muitos discentes identificam-se ou não com a profissão. É o famoso “teste da educação”, ou seja, neste momento confronta-se as teorias estudadas ao longo do curso com a realidade da apresentação dos conteúdos na sala de aula, fazendo com que nos encantemos ou não com o universo da educação. A grande verdade é que os discentes de pedagogia acabam idealizando uma sala de aula homogênea, silenciosa, onde todos os educandos aprendem da mesma maneira, quando na verdade a realidade mostra-nos o contrário. Deparamo-nos várias vezes com situações como a indisciplina, a diferença na compreensão dos conteúdos e algumas outras situações que são corriqueiras em salas de aula normais e nos perguntamos: como agir nestes casos já que pensamos em uma sala de aula perfeita?

É comum escutarmos nos corredores da universidade a famosa frase “é no estágio que temos que associar a teoria à prática”, ou os discentes de pedagogia cobrando do curso a vivência da prática já que os mesmos afirmam que o curso é pura teoria. Mas o que realmente o estágio representa na vida dos futuros educadores?

É necessário que o discente estagiário tenha um olhar problematizador sobre este momento, agindo desta forma, compreenderá que o estágio supervisionado é o momento de revermos os nossos conceitos sobre o que é ser professor, para compreendermos o seu verdadeiro papel para com a escola e a sociedade. O estágio é a hora de começar a pensar na condição de professor na perspectiva de eterno aprendiz. É hora de começar a vislumbrar a formação contínua como elementos de realimentação dessa reflexão. Pois na visão de Gomes (2004) pensando no estágio como espaço de aprendizagem e não somente da vivência da prática o discente poderá perceber

[...] que a prática docente não acontece por acaso, ou melhor, não é um processo natural. Este olhar diferente, problematizador [...] oportunizado por leituras advindas de uma perspectiva da história, as quais [...] fundamentam a construir instrumentos de análise que [...] dão suporte para desenvolver este olhar de estranhamento. Não se trata de esgotar o tema em questão, mas sim buscar compreender, interpretar as situações do cotidiano escolar, através de práticas de memória docente. (p. 3).

Desta maneira o autor afirma a importância do estágio para formação docente, uma vez que possibilita ao mesmo o contato com realidade escolar e ainda a reflexão sobre o mesmo. Funciona como uma “janela do futuro” através do qual o discente de pedagogia tem a oportunidade de antevê seu próximo modo de viver. O futuro profissional da educação passa a ver-se no papel de educador, pesquisador e começa a se questionar e rever suas concepções para vir a ser um bom profissional.

4.2 Etapas para o desenvolvimento do estágio

Para chegarmos à etapa do estágio supervisionado seguimos um roteiro de pesquisa começando pela a elaboração do pré-projeto do tema escolhido, no 3ª período do curso de Pedagogia. Tornou-se necessário fazer entrevistas tanto com educandos quanto professores presentes na sala de aula a ser observada posteriormente. Foi realizada ainda uma caracterização tanto da sala de aula em destaque, neste caso de educação infantil, como na escola em geral, importantes para podermos planejar a aula teste que viriam depois de acordo com a realidade escolar e dificuldades nas quais estes sujeitos estão inseridos. Chegamos desta forma até o estágio, no qual:

Os registros de ações significativas do cotidiano escolar e a sua socialização favorecem o enriquecimento e o aprimoramento da formação docente, já no processo da supervisão do estágio. O contato com todos os sujeitos inseridos no contexto escolar permite que, por meio de suas falas e de suas ações, o aluno estagiário visualize possibilidades de sua inserção na busca de resolução de determinadas situações-problema. (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p.87).

Todas as etapas foram importantes para o planejamento dos planos de aula preparados para o estágio supervisionado, estes foram pensados de acordo com as dificuldades enfrentadas pelos educandos, como também inserindo concepções de alguns autores adquiridas durante todo o curso e ainda vale ressaltar a participação do professor titular da sala para construção e execução dos planos de aula, o qual disponibilizou os conteúdos a serem tratados nas aulas sendo participe das mesmas.

Durante o estágio tivemos a oportunidade de confrontar as teorias estudadas com a realidade da sala de aula, fazendo deste momento um rico espaço para o processo de formação profissional, atuando como treinamento, uma passagem entre o saber sobre algo para o agir sobre, um momento de validação de todos os conhecimentos teóricos adquiridos durante o percurso acadêmico.

Ainda durante o estágio nós discentes construímos além dos planos de aula, o diário de campo, ou seja, todos os dias relatávamos as dificuldades e experiências vivenciadas durante a aula. Após a realização do estágio nós discentes em conjunto com a professora orientadora, realizamos a socialização destas experiências, momento importante que nos validaram algumas concepções sobre a realidade escolar. Constituindo desta forma fontes documentais e orais, importantes para a análise do estágio supervisionado. Como cita Decca:

Os documentos como alguns já disseram, não falam por si, os historiadores obrigam que eles falem, inclusive, a respeito de seus próprios silêncios. E para realizar tal procedimento, utilizamo-nos de teorias e de procedimentos metodológicos que são, por sua vez, lugares de linguagem, modos de narratividade. (1998, p. 23).

Portanto utilizamo-nos destas fontes para dar mais embasamentos às constatações levantadas a cerca dos temas abordados.

4.3 Dificuldades enfrentadas frente à questão do ensino-aprendizagem na sala de aula

A partir do estágio constataram-se algumas dificuldades presentes na sala de aula, como por exemplo: “No momento da correção do para casa, notei uma das dificuldades que irei enfrentar muitos educandos não o trazem pronto.” (DIÁRIO DE CAMPO, 24/08/10). A verdade é que os pais se faziam ausentes nesse momento e pensando nessa situação, resolvi ceder 10 minutos do início da aula para os educandos concluírem suas tarefas e ainda utilizei com eles o seguinte juramento: “pedi que os educandos levantassem a mão direita fizemos a

promessa que não as esqueceríamos novamente.” (DIARIO DE CAMPO, 24/08/10). Com o juramento criei neles a noção de responsabilidade, e pode-se notar que nas aulas seguintes, poucos educandos não trouxeram as atividades de casa “a cada dia noto que a dificuldade no cumprimento da tarefa de casa está sendo superada”. (DIARIO DE CAMPO, 01/09/10).

Outro problema enfrentado no estágio era quanto à volta do recreio, pois os educandos ficavam muito inquietos prejudicando o seguimento da aula, assim “a inquietação fez com que o conteúdo de hoje não fosse bem assimilado, então vou dar continuidade amanhã com outras atividades.” (DIARIO DE CAMPO, 30/08/10). Uma das alternativas que encontrei foi acompanhá-los na hora do recreio e brincando com eles, pois notei que as brincadeiras preferidas por os mesmos são: correr, empurrar, e dessa forma, os educandos chegam muito agitados, então no acompanhamento no recreio “estou introduzindo na hora do recreio brincadeiras de roda, para que os mesmos não corram tanto e nem acabem brigando. Na sala de aula na volta sempre cantamos uma musica para relaxar” (DIARIO DE CAMPO, 16/09/10). E ainda sempre para entrar na sala cantamos a música marcha soldado.

Esse problema não foi só identificado por mim, mas também pelas demais estagiárias na socialização das atividades do estágio como mostra a fala a seguir: “na volta do recreio os alunos voltavam inquietos e barulhentos” (Estagiária A). Nesse momento da socialização quase todas as estagiárias relataram o mesmo problema.

Quanto à assimilação dos conteúdos “notei que eles são melhores na assimilação dos conteúdos de matemática, pois poucos apresentaram dificuldades” (DIARIO DE CAMPO, 24/08/10). Os educandos gostaram muito das brincadeiras e atividades propostas nesse conteúdo, superando muitas vezes a expectativa.

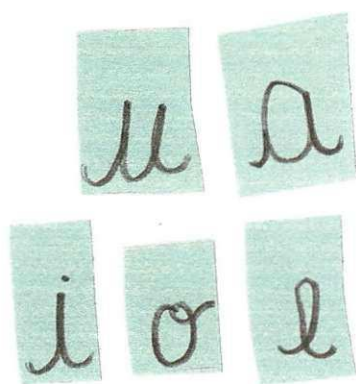
No que diz respeito ao ensino de português pode-se constatar a dificuldades que os educandos tinham em associar o som à escrita da letra. A professora titular já havia trabalhado as junções de vogais, por isso só as revisei, no entanto os educandos quando escreviam no quadro as junções e pedia-lhes para ler “nem todos se saíram bem nesta atividade em virtude da dificuldade em reconhecer à vogal e seu som” (DIARIO DE CAMPO, 25/08/10).

Quando perguntei a professora titular como a mesma havia introduzido as junções das vogais, a mesma relatou que as trabalhou por meio de exposição no quadro, músicas e atividades xerocopiadas. Nesse momento senti a necessidade de trabalhá-las de outra forma, partindo de material concreto e revisando antes a escrita e som das vogais, pois:

“Efetivamente, só conhecemos um objeto atuando sobre este e o transformando (da mesma forma que o organismo só reage face ao meio assimilando-o no sentido amplo do termo)” (PIAGET apud KNIJNIK; WANDERER, 2004, p. 12). A verdade é que quando proporcionamos a criança atividades deste sentido, a mesma apropria-se do objeto e, por conseguinte o assimila-o.

Estas foram algumas das atividades desenvolvidas:

Figura 5:



Fichas das vogais, trabalhadas através do jogo das junções, onde cada educando ganhou seu conjunto de fichas e formando duplas cada um jogava uma ficha e reproduzia o som da junção. Fonte: PORTFÓLIO, 25/08/2010.

Figura 6:



Algumas das gravuras trabalhadas na aula de junções de vogais, onde através das cenas expostas nas gravuras os educandos identificavam a junção das vogais. (Fonte: PORTFÓLIO-25/08/2010).

Outro problema detectado durante o estágio supervisionado foi com respeito às aulas de segunda-feira, nas quais os educandos tinham aula de vídeo, só que no entanto não via proveito nessas aulas, pois além de não ter nenhuma contextualização, as três salas de aula de pré-escolar participavam deste momento, fazendo deste um momento de inquietação no qual os educandos ficavam disperso. Dessa maneira propus a professora titular “que cada turma tivesse seu dia na sala de vídeo e que o filme fosse trabalhado e discutido.” (DIÁRIO DE CAMPO, 23/08/10). A mesma relatou que seria impossível, pois a sala de vídeo era utilizada todos os outros dias da semana pelas outras salas de aula da escola. A solução encontrada foi

cada segunda-feira uma sala de pré-escolar utilizaria o espaço, notou-se a partir daí que esse momento gerou um melhor aprendizado.

Portanto, com o estágio supervisionado pode-se notar qual a realidade da apresentação dos conteúdos na sala de aula, ou seja, como os mesmos vêm sendo trabalhados e de que métodos os professores titulares se utilizam, como também quais as dificuldades existentes na mesma, muitas vezes desconhecidas pelos estudantes estagiários.

4.4 A importância do estágio: representação do desenho na sala de aula

O estágio supervisionado proporcionou as estagiárias o confronto das teorias estudadas durante o curso de pedagogia, como também proporcionou executar práticas relacionadas ao nosso tema de estudo, adquiridas com nossas pesquisas.

Durante o período do estágio percebi a real forma como o desenho se apresenta na sala de aula, sendo este trabalhado pela professora titular ora como recreação, ou ficando restrito as datas comemorativas.

Foi durante o estágio e diante as dificuldades dos educandos que desenvolvi as aulas de maneira lúdica, nestas puderam-se notar grandes avanços, vale ressaltar que as atividades foram propostas sempre respeitando os níveis de aprendizagem da turma.

Trabalhei os conteúdos através de gravuras, historinhas infantis, jogo, fichas, músicas, dobraduras, todos de maneira contextualizada, e pode-se notar que quando os conteúdos se apresentavam desta forma os educandos tinham facilidade em assimilá-los, pois “contei a historia da independência do Brasil para pequeninos por meio do painel “era uma vez”, foi uma festa só, os educandos adoraram e prestaram bastante atenção, posso afirmar, pois, responderam a todos os questionamentos”. (DIARIO DE CAMPO, 09/09/10).

O painel era composto por várias paisagens, no modelo de um grande livro e os personagens produzidos com gravuras e palitos de picolé. O painel deu tão certo que outras professoras da escola pediram para realizar a atividade na sala das mesmas.

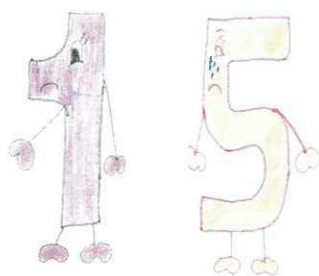
Apresentei os conteúdos sempre de maneira lúdica, através de jogos e partindo de materiais concretos, pois de acordo com Piaget (1973):

Os jogos e as atividades lúdicas tornaram-se significativas à medida que a criança se desenvolve, com a livre manipulação de materiais variados, ela passa a reconstituir, reinventar as coisas, o que já exige uma adaptação mais completa. Essa adaptação só é possível, a partir do momento em que em que ela própria evolui internamente, transformando essas atividades lúdicas, que é o concreto da vida dela, em linguagem escrita que é o abstrato. (apud BITTENCOURT; FERREIRA p.15, 2002).

Os educandos gostaram tanto desta forma dinâmica de desenvolvimento das aulas, que num determinado dia do estágio decidi contar uma história apenas lendo-a e escutei a seguinte frase , quando citava um dos personagens “ tia cadê o índio ? (DIARIO DE CAMPO, 30/08/10). Nota-se através da fala a importância que os educandos sentem em ver os personagens, e neste dia os mesmos não prestaram atenção a historinha.

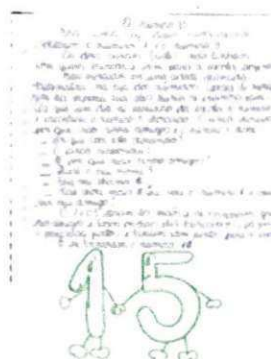
Trabalhei o desenho em todos os conteúdos. Nas aulas do estágio ainda utilizei como recurso para apresentação dos conteúdos as historinhas infantis, muitas vezes criadas por mim, nas quais os personagens eram sempre representados por gravuras feitas em cartolina. Em uma das aulas de Matemática trabalhei a representação do número 15, por meio de gravuras e uma história bem divertida, a historinha do número 15 que no início eram dois números solitários e no final se uniram formando o número 15, como mostra as figuras a seguir:

Figura 7:



Os personagens da historinha confeccionados em cartolina. (Fonte: PORTFÓLIO-25/08/2010)

Figura 8:



A história que foi dramatizada. No final eles formaram o número 15. (Fonte: PORTFÓLIO-25/08/2010)

No que diz respeito ao desenho “o trabalho com gravuras esta dando muito certo e eles realmente aprendem, assimilam o conteúdo. Os educandos estão se desenvolvendo bem melhor agora. Eles gostam quando trabalho com gravuras”. (DIARIO DE CAMPO, 01/09/10). A professora também notou que os educandos estavam realmente aprendendo os conteúdos. Isso mostra a relevância de se trabalhar o desenho de forma contextualizada, quando se atua desta maneira chega-se ao verdadeiro fim que é a construção da aprendizagem.

A produção de desenhos e exploração de gravuras também foi utilizada pelas demais estagiárias, como afirma a estagiária B no momento de socialização das atividades do estágio “os conteúdos foram trabalhados por meio de desenhos, e notei que eles aprendem e gostam de desenhar”, mostrando mais uma vez a relevância do desenho na sala de aula.

Na aula de produção das dobraduras do Saci e da Yara, verificou-se a alegria e satisfação que os educandos sentem quando vêem seus trabalhos valorizados, o que pode-se notar quando da exposição destas, na sala. O mural a seguir foi uma de nossas exposições:

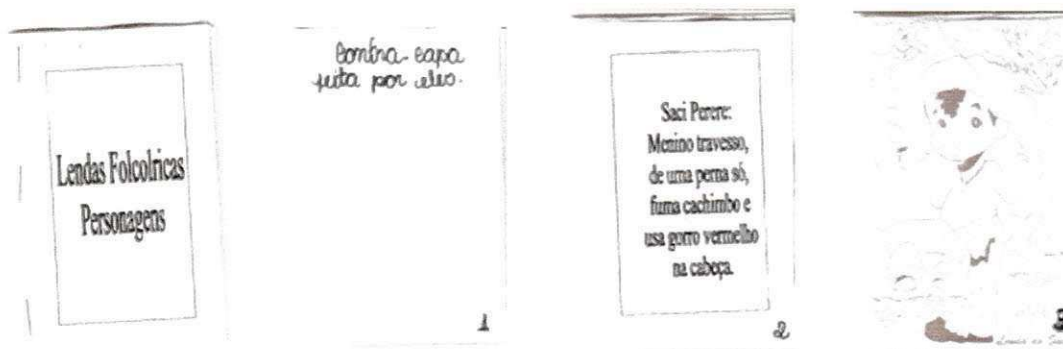
Figura 9:



Mural de atividades (Fonte: ESTÁGIO 26/08/2010)

Uma das aulas marcantes do estágio e que provam a necessidade de se trabalhar o desenho de forma contextualizada, foi a de produção do livro das lendas folclóricas. Os educandos coloriram os personagens impressos, fizeram a contracapa, e logo após montarmos o nosso livro e fizemos a leitura dramatizada do mesmo. Nesse momento além da apropriação do conteúdo, proporcionou-se aos educandos tanto a realização do desenho livre como o desenho orientando, fundamentais para o desenvolvimento dos educandos. A imagem a seguir mostra a atividade realizada:

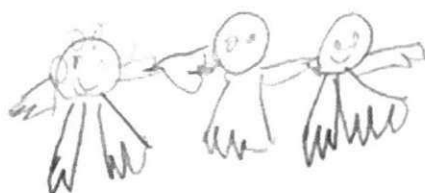
Figura 10:



O livro das lendas folclóricas, além dessas ainda continha as lendas da Yara, Boto e Saci. Após a pintura e produção da contracapa, houve a contação das historinhas. Fonte: PORTFÓLIO, 27/08/2010

Foi durante o estágio que escutei, quando um dos educandos disse “tia a aula de hoje foi tão boa, num deu nem vontade de ir beber água” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/09/10). Uma das frases mais lindas e gratificantes que fizeram-me perceber a alegria que é servir a educação, que faz valer apenas o esforço do planejamento das aulas, e a importância de ver no desenho o meio pelo qual a criança dá sentido ao seu universo, universo do qual o professor também faz parte. A imagem a seguir retrata fortemente o elo que se cria entre professor e aluno.

Figura 11:



Representação da família. Após a criação desse desenho, investiguei a situação familiar da educanda e constatei que a mesma tinha dificuldades no convívio familiar, buscando na escola refúgio. (Fonte: ESTÁGIO-17/09/2010)

Com o desenho constata-se que a afetividade também é uma forte marca da educação infantil, o que me deixou triste com esse desenho é que procurei saber a realidade da educanda, e a mesma passa por dificuldades familiares, e preferiu desenhar a mim e meu noivo que desenhar a própria família junto com ela. O que mostra mais uma vez a importância do desenho para a educação infantil uma vez que, por meio do mesmo também podemos identificar o estado emocional da criança evidenciado em suas criações.

Portanto o estágio teve grande relevância para minha formação tanto profissional quanto pessoal, uma vez que surgiu como espaço de aprendizado, por meio do qual pude constatar a necessidade do educador, estar constantemente se auto-avaliando e buscando novas diretrizes, novas práticas que possam favorecer o desenvolvimento dos educandos, visto que nós enquanto educadores somos fundamentais nesse processo.

CONCLUSÃO

Por meio da pesquisa pode-se constatar que o desenho vem sendo trabalhado como mera distração nas aulas de recreação ou nas datas comemorativas aparece na confecção de cartões e cartazes, e ainda quase nunca os professores proporcionam aos educandos a prática do desenho livre, fundamental para o desenvolvimento da capacidade criadora e cognitiva da criança.

O desenho ainda apresenta-se na sala de aula como pronto, ou seja, os educandos apenas o colorem, não havendo nenhuma contextualização nesta prática, o que faz com que a mesma perca o significado, ficando difícil para os educandos desse nível assimilarem os conteúdos.

Constatou-se que mesmo se tratando de uma sala de educação infantil os conteúdos eram trabalhados muitas vezes sem objetividade e o lúdico que deveria estar presente nesta fase estava ausente.

O estágio supervisionado surgiu como momento de aprendizado, o mesmo proporcionou-me desenvolver práticas voltadas para aprendizagem dos educandos, baseadas nas diversas concepções de autores adquiridas durante o curso de pedagogia como também através da pesquisa para desenvolvimento do tema. As aulas desenvolveram-se através da ludicidade, possibilitando aos educandos, grande avanço, no que diz respeito à assimilação de conteúdos e ainda a socialização dos mesmos. Também foi constatada a necessidade de se trabalhar com material concreto nas aulas, visto que as crianças dessa faixa etária encontram-se no estágio definido por Piaget de operatório-concreto, e notou-se que quando os conteúdos não se apresentavam segundo estes preceitos o ensino-aprendizagem ficava prejudicado e os educandos não conseguiam registrar o que haviam aprendido.

O estudo do tema ainda proporcionou enxergar outra característica apresentada através do desenho, que é o lado emocional da criança. Dessa forma, o ato de desenhar torna-se essencial no processo de desenvolvimento da criança, uma vez que este precede a linguagem escrita, pois por meio dessas expressões culturais a criança dá sentido a sua vida, seja mostrando sua evolução ou seu desenvolvimento emocional.

Portanto, a pesquisa propiciou um melhor embasamento sobre o tema, fazendo-nos compreender a real forma que o desenho se apresenta na sala de aula da educação infantil, esclarecendo algumas das dúvidas sobre este universo particular da criança. O estudo ainda direcionou e proporcionou reflexões sobre a realidade da Educação Infantil, registrando desta forma a necessidade do educador enxergar na arte da criança parte fundamental de seu desenvolvimento, proporcionando práticas que valorizem estas experiências e leve os educandos ao verdadeiro fim da educação que é a construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. Estágio curricular na formação de professores: propostas e possibilidades no espaço escolar IN: *Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores*. . São Paulo: Avercamp, 2006.

BARROS, Célia Silva Guimarães. Desenho infantil In: *Pontos de Psicologia do Desenvolvimento*. 3 ed. São Paulo: Editora Ática 1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais:Arte* IN: Do recurso aos jogos. 3 ed, Brasília: MEC/SEF, 2001.

BITTENCOURT, Glauçimar Rodrigues; FERREIRA, Mariana Denise Moura. A importância do lúdico na alfabetização. Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/IMPORTANCIA_LUDICO.pdf> Acesso em: 11 de novembro de 2010.

CUNHA, M. I. *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara: JM Editora, 1998.

DECCA, Edgar Salvadori de. Questões teórico-metodológicas da história. In SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luis (Orgs.). *História e História da Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

DUARTE JR., João Francisco. *Por que a arte-educação?* – 12 ed. Campinas-SP: Papirus, 1991.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré. *Psicologia e Trabalho Pedagógico*. São Paulo-SP: Atual, 1997.

FONTES DOCUMENTAIS: *Portfólio*. Construído no Estágio Supervisionado em Docência, Sousa, 23 de agosto á 20 de setembro de 2010. *Diário de campo*. Construído no Estágio Supervisionado em Docência, Sousa, 23 de agosto á 20 de setembro de 2010.

GOMES, Marcilene Popper. *Memórias e histórias: cenas do cotidiano docente*. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1253/1065>> Acesso: 20 de fev. 2010.

LEI 5.692/71. *Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus*. Disponível em: <http://www.conteudoescola.com.br/site/content/view/5/57/>> Acesso: 15 de jan.2010

LUQUET, Georges-Henri. *As etapas do desenho infantil*. Disponível em: <http://jardimdospequenitos.blogspot.com/2010/07/as-etapas-do-desenho-infantil.html>> Acesso: 13 de novembro de 2009.

KNIJNIK, Gelsa; WANDERER, Fernanda. Da importância do estudo de materiais concretos nas aulas de matemática: um estudo sobre os regimes de verdade sobre a educação matemática camponesa. Disponível em: www.sbem.com.br/files/ix_enem/.../CC2547392004T.doc> Acesso em: 18 de novembro de 2010.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. VIEIRA, Sofia Lerche. *Pesquisa educacional: o prazer de conhecer* - 2 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

WILSON, Brent; WILSON Marjorie. Uma visão iconoclasta das fontes de imagem nos desenhos de crianças, In: *Arte-Educação: leitura no subsolo* 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Zilma ramos de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

POLLACK, Michel. *Memória e identidade social*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. -200-212 1992.